

ENTRE ENSINAR PSICANÁLISE E FORMAR PSICANALISTAS

ANA MARIA SIGAL

DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Toda postura frente à formação, assim como as modalidades na condução da cura, dependem dos conceitos metapsicológicos que estão em jogo. As diversas escolas se debruçam sobre o texto freudiano, fazendo uma leitura, uma releitura ou um retorno ao texto. Seja priorizando épocas da produção freudiana, hierarquizando conceitos presentes no texto original ou rearticulando-os segundo uma nova modalidade que possibilita um novo sentido, as diversas escolas produzem mudanças teóricas, das quais decorrem efeitos transformadores na prática e na forma pela qual seus membros tornaram-se analistas.

O tema da transmissão, do ensino e da formação tem sido, na história da psicanálise, um dos pivôs das rupturas nos diferentes grupos, institutos e escolas, já que remete invariavelmente ao problema do exercício, tema este intimamente ligado ao problema da regulamentação.

Podemos atribuir estas rupturas a elementos ligados, fundamentalmente, ao tipo de produção teórica, assim como a disputas de poder dentro dos estamentos hierárquicos das instituições. Na maioria dos casos, ambos se complementam e se retroalimentam. Jung e Adler se separaram de Freud por questões teóricas, mas não cabe dúvida quanto ao fato de que houve, ao mesmo tempo, uma tentativa de redefinir os lugares de poder. Em *A história do movimento psicanalítico* (1914), bem como no *Estudo autobiográfico* (1925), encontramos vestígios das lutas e rupturas que agitaram o movimento, mas, no decorrer da história, como nos diz Valabrega (1983), o móvel central destas polêmicas, rupturas e dissidências é e continua sendo o mesmo desde a origem: “o que é que é ou continua sendo da psicanálise, tanto na teoria como na prática, e o que já não é, ou seja, quem é ou continua sendo psicanalista ou quem já não é. Onde começa o abandono, a desnaturação, a falsificação e a traição?” (p. 9)

Boa pergunta para inserir a questão que nos preocupa. Ensinar psicanálise na Universidade desvirtua e trai aquilo que a psicanálise tem de essencial?

Pensamos em cenários diferentes, em objetos de estudo diversos. Para responder a esta questão, optamos por pensar na diferenciação entre um espaço de transmissão de conhecimento e outro com características diferentes, que é o do percurso de uma formação.

A formação psicanalítica, certamente, não tem a ver com a pedagogia; a experiência de mergulhar no inconsciente em transferência nos defronta com um saber a ser construído: ele é, em si, um projeto e um processo constituinte, mas podemos pensar que a psicanálise conta, também, com um

sistema de relações objetivas que constituem um corpo de idéias enunciado como disciplina, que transmite um conhecimento

constituído, mesmo que ele se encontre em permanente questionamento e ebulição. A psicanálise, tanto prática como teórica, se concebe como um movimento de retorno, de reflexão e de redescobrimto.

Freud, em seu trabalho de 1923, nos fala das pedras angulares da teoria psicanalítica e confere três sentidos ao termo “psicanálise”:

- um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo;
- um método (baseado nessa investigação para o tratamento de distúrbios neuróticos); e
- uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas que gradualmente se acumulam numa disciplina científica.

Os dois primeiros itens correspondem ao espaço puramente formativo que se processa no interior de uma análise e da supervisão. O que fica em questão é: por que retirar de seu corpo doutrinário e teórico uma autonomia que lhe permitiria circular por diversos espaços?

Havelock Ellis elogia, em uma oportunidade (Vida e Obra de Sigmund Freud), as qualidades artísticas da produção freudiana. Freud, indignado, mostra seu aborrecimento e interpreta esta posição como “a forma mais refinada e amistosa de resistência. Chama-me de grande artista a fim de prejudicar a validade das nossas pretensões científicas”.

A pergunta que continuamos fazendo é: será que, por se ensinar o corpo teórico da psicanálise na Universidade, a um auditório que não é necessariamente de psicanalistas, e por promover o trabalho de pesquisa teórica, está se participando de uma institucionalização da psicanálise? Será que esta perde sua atopia, enquanto saber não-institucionalizado, por entrar na Universidade? Ou, como se pergunta Laplanche, não se encontra, nesta recusa, o desejo de se manter como uma sociedade secreta, sendo esta outro tipo de institucionalização? (Laplanche, 1978, p. 26).

Duas experiências, na França¹, mostram a forma como a psicanálise se inseriu na Universidade com sucesso, sem desvirtuar o que, para nós, é essencial do processo formativo de um psicanalista, que não cabe de forma alguma nesta instituição.

Laplanche retomou a questão da relação entre formação de psicanálise e inserção na instituição universitária com um posicionamento bastante coerente no instituto de formação de psicanalistas ao qual esteve ligado, a Association Psychanalytique de France. Como se sabe, na APF, Laplanche sempre desvinculou totalmente a organização institucional da análise pessoal de cada candidato. Na

Universidade, Laplanche sempre foi muito explícito em desvincular a formação universitária, o doutorado em psicanálise e o exercício da psicanálise, isto é, o exercício da atividade clínica. O doutorado em psicanálise deveria ser compreendido como uma atividade explicitamente acadêmica e voltada para a academia. Assim, a grande coerência de Laplanche, nesses dois âmbitos muito diferentes da psicanálise, foi a de manter-se extremamente atento para conservar o processo

1 Colaborou com estas idéias Nelson da Silva Junior.

analítico em situação de máxima independência da lógica e das questões administrativas próprias a qualquer instituição, seja ela universitária, ou uma associação de psicanalistas com a função de promover a formação em psicanálise.

A outra experiência francesa diz respeito a Vincennes (Paris VIII). Foi uma experiência basicamente liderada por Serge Leclaire, que trabalhou muito para a inserção da psicanálise na Universidade, mas movido por questões até certo ponto diferentes de Laplanche, ainda que haja concordâncias de fundo.

A psicanálise, segundo Leclaire, corria um sério risco de fechamento do seu discurso em uma espécie de oligarquia de teóricos. Diante de tal ameaça de encerramento da psicanálise em torno de si própria, Leclaire via na entrada da psicanálise na Universidade uma estratégia de abertura desse enclausuramento discursivo. O espaço acadêmico pode funcionar como um lugar de alteridade para as instituições de formação, alteridade que, ao garantir a expansão da psicanálise para outros domínios da cultura, leva-a para uma arena de diálogo e discussão, sem a qual esta ciência pereceria por autofagia e sufocamento. Do mesmo modo, resgata a dívida conceitual com os saberes que contribuíram para a sua fundação.

Colocado isto, apontaremos algumas coordenadas que demarcam o caminho possível de uma formação.

A experiência de tornar-se analista está marcada pela singularidade; pensamos que o caminho a percorrer será particular e original, num difícil e longo percurso guiado pelo nosso desejo de ser analistas.

O sentido desta senda será reencontrado *après-coup*. Será num caminho de resignificação que poderemos encontrar a razão de nossos movimentos. Será num mirar para trás que reconheceremos as pegadas e rastros marcados no caminho, e então, identificaremos as filiações que nos deram sustento, as transferências acabadas ou inacabadas que propulsaram nosso ideal. É, portanto, a partir do presente que poderemos reconhecer quais as leituras fundamentais que cartografam nossa geografia. É difícil saber por onde se começa a viagem; é impossível pensar que ela tem um fim. Neste itinerário, como já tínhamos dito, o tratamento não faz parte de um saber constituído, ele é

constituente. A psicanálise não é o discurso científico que dela fala: ela é a experiência do sujeito com o seu inconsciente. Preferimos pensar na necessidade de considerar a análise do analista como a pedra fundamental sobre a qual se constituirá o saber sobre o inconsciente, e é este saber que possibilitará ao analista colocar-se no lugar de escuta, o que nos leva, inclusive, a discordar da idéia de análise didática.

Partimos da idéia de que a estrutura relacional da transferência não pode ser capturada pelas estruturas institucionais que lhe oferecem albergue na Universidade. Não temos uma titulação e não há formas de intervenção do Estado que possam regulamentar este saber. Tampouco a Universidade poderia nos autorizar a chamarmo-nos “psicanalistas”, visto que nossa formação não depende de um currículo acadêmico. Na Universidade busca-se aprender profissões, tornar-se habilitado a exercê-las, ter uma titulação. Ora, tal anseio se desencontra da idéia de formação de um psicanalista. Portanto, entendemos que a questão não é como subtrair a psicanálise da Universidade, mas como incluí-la sem atacar seus fundamentos e sua ética.

Todo trabalho universitário que, travestido de ensino de uma disciplina, proponha-se a ser um processo

formativo, de fato está se apropriando de um campo – e nele penetrando - que não lhe é pertinente; é contra isto que nos posicionamos. Dura discussão esta que nos interessa processar, tomando o cuidado de não traírmos a psicanálise e nem a privarmos da troca com outras disciplinas que possibilitam um enriquecimento mútuo.

A Universidade pode favorecer o estudo teórico numa perspectiva epistemológica e crítica, mas ela não forma analistas. E nem está na sua competência pretender fazê-lo.

Freud, no texto de 1919, Deve ensinar-se a psicanálise na Universidade? posiciona-se e diz esperar que, um dia, a psicanálise possa fazer parte, inclusive, das disciplinas que compõem a formação do médico. Porém, ele sempre alertou para a impropriedade de se pretender formar analistas nesse espaço. Nesta perspectiva, ensino e formação não são efetivamente a mesma coisa.

O discurso analítico está marcado pela castração, isto é, marcado pela incidência de um corte que se coloca no meio do caminho da relação do homem com a verdade. Na prática e no discurso analítico, o pensamento se vê atingido por uma lógica diferente, que desmonta a racionalidade e a lógica cartesiana, oferecendo outra forma de legitimar o conhecimento.

A formação de um psicanalista baseia-se, fundamentalmente, no conhecimento de seu inconsciente, atualizado na transferência, no estudo teórico e na clínica supervisionada, conformando o conhecido tripé da formação.

A associação livre, a atenção flutuante e o processo primário são os modos de produção de saber

que interessam para a escuta analítica. A lógica que rege o espaço analítico é a lógica do desejo inconsciente. Portanto, a análise do analista se transforma no alicerce sobre a qual se apóia todo o processo formativo.

A dimensão ética da psicanálise se põe em jogo num espaço sutil, incapaz de ser fisgado: o espaço transferencial, ferramenta principal do encontro analítico, que atualiza a realidade do inconsciente como uma nova modalidade. Diz respeito a uma repetição relativa ao seu funcionamento, mas não só: o encontro analítico requer um trabalho criador, não se conforma com a repetição, já que é no desdobramento da transferência que se busca diferença.

Nesta experiência não transmissível da transferência, constituem-se redes pessoais que estão fora de toda regulamentação, se constitui um espaço singular no qual não se pode estabelecer uma verdade última apreensível que deva ser alcançada.

No deslocamento, no que foge e desliza, no que se liga de diversas formas e se repete na diferença, é que produzimos conhecimento. Não é possível designar o in-designável, não é possível que alguém legisle sobre o que é ser um analista. Os sistemas organizacionais conhecidos não dão conta da multiplicidade de fenômenos que devem ser contemplados quando falamos de formação em Psicanálise. Há em cada instituição uma ordem única e singular proposta para percorrer o caminho da formação e mesmo assim, entendemos em nossa Instituição que não é possível outorgar uma autorização, nem uma garantia para “o devir” analista. A lei que regula o processo da formação é interna ao próprio saber e não tem correspondência possível com a lei jurídica. Os dilemas que enfrentamos como analistas estão determinados pela relação que estabelecemos com nosso

próprio inconsciente e com nosso próprio desejo. Exigência ética, cujas condições nenhuma instituição é capaz de sistematizar, organizar ou legislar desde o exterior, de forma que a Universidade não teria condições de possibilidade para outorgar qualquer titulação de psicanalista.

Mas não criemos ilusões, pensando que só a Universidade pode ser uma ameaça ou traição ao espírito da psicanálise. É para as próprias instituições formadoras que devemos também estar atentos já que, sob o risco de se instituírem como autoridade que é lei, e não como portadoras da mesma, podem determinar o percurso, exigir uma análise por encomenda e determinar os requisitos que devem ser burocraticamente preenchidos para outorgar uma autorização para se dizer analista.

É de submetermo-nos à palavra de um mestre como único possuidor da verdade que devemos escapar, para conservarmos o espírito libertador da psicanálise. Inclusive, é perigoso não poder pôr em questão a palavra freudiana, porque podemos ficar presos a um dogmatismo que não responde ao seu espírito. Não são regras, exigências ou deveres o que determina a condução de uma cura e, sim, uma ética.

Nem as formas constituídas dos sistemas teóricos, nem as modalidades formadoras podem se apresentar como totalidades que encarnam a verdade e oferecem ao analista em formação a miragem de uma completitude inexistente. É no próprio questionamento e na incerteza que a instituição se oferece como verdadeira rede, através da qual, na procura do desejo de ser analista, percorrer-se-á esse espaço de formação.

BIBLIOGRAFIA

Freud, citado por E. Jones, em: Jones, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, p.587.

Freud, S. *Deve ensinar-se a psicanálise na Universidade?* Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. (Original publicado em 1919).

FREUD, S. *Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas, 1923 v. 18, p. 287.

Laplanche, J. (1978). *El inconsciente y el ello* (Problemáticas IV). Buenos Aires: Amorrortu, p. 26.

VALABREGA, J.-P. *A formação do psicanalista*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.